

O SUPORTE SAMBÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DE UMA EPISTEMOLOGIA INTERDISCIPLINAR

SAMBISTIC SUPPORT IN THE CONSTRUCTION OF AN INTERDISCIPLINARY EPISTEMOLOGY

EL APOYO DE LA SAMBA EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA EPISTEMOLOGÍA INTERDISCIPLINARIA.

Wesley de Jesus Barbosa ¹

RESUMO

O presente artigo busca uma filosofia brasileira interdisciplinar. O samba repercutindo como recurso analítico, a chamar o pensamento a vislumbrar outras concepções, menos especialistas. A primeira parte, alerta ao leitor sobre a tendência perigosa de se posicionar o interdisciplinar numa teoria dos conjuntos. Em seguida, avançamos para uma crítica aos cientificismos, inclusive elencando sua face mais racista, desestabilizando sua vontade de verdade. Diante de tantos saberes, outro, ainda, surge, na imagem dos sambas de enredo, a literatura, categorizada por Deleuze e Guattari, de literatura menor. Discutiremos a noção de música e como, alguns, ainda perseveram no dualismo polarizante, antagonizando o erudito e o popular, e a MPB e o *populacho*, mais um indício do modo de pensar viciado e vacilante de séculos de uma determinada educação intelectual. Ao fim, debruçaremos nos sobre as fontes de pesquisa dos carnavalescos da G.R.E.S. Unidos do Viradouro, no sentido de analisar algumas categorias sociológicas, políticas, antropológicas, psicológicas, musicais, literárias, filosóficas, não de forma compartimentada, mas num todo, como fluxo, agenciamento, conexões múltiplas. Para isso trabalharemos os carnavais de 2020 e 2023, especialmente a tese de doutorado de Harue Sorrentino, *Articulações Pedagógicas no Coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico* e o livro do antropólogo Luiz Mott, *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil*.

Palavras-chaves: epistemologias; interdisciplinaridade; literatura menor; samba e filosofia brasileira.

ABSTRACT

¹Bacharel em Psicologia e licenciado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Filosofia pelo Programa de pós-graduação em Filosofia da UFES (PPGFIL-UFES). E, ainda, doutorando em Psicologia pelo Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorando em Filosofia pelo PPGFIL-UFES. wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

This article seeks an interdisciplinary Brazilian philosophy. Samba resonates as an analytical resource, calling on thought to glimpse other, less specialist conceptions. The first part warns the reader about the dangerous tendency to position the interdisciplinary in a set theory. We then move on to a critique of scientism, including highlighting its most racist face, destabilizing its will to truth. In the face of so much knowledge, another yet emerges, in the image of plot sambas, literature, categorized by Deleuze and Guattari, as minor literature. We will discuss the notion of music and how, some, still persevere in polarizing dualism, antagonizing the erudite and the popular, and MPB and the populace, yet another indication of the addicted and vacillating way of thinking resulting from centuries of a certain intellectual education. Finally, we will look at the research sources of G.R.E.S. carnival workers. Unidos do Viradouro, in the sense of analyzing some sociological, political, anthropological, psychological, musical, literary, philosophical categories, not in a compartmentalized way, but as a whole, such as flow, agency, multiple connections. To do this, we will work on the 2020 and 2023 carnivals, especially Harue Sorrentino's doctoral thesis, Pedagogical Articulations in the Coro das Ganhadeiras de Itapuã: an ethnographic case study and the book by anthropologist Luiz Mott, Rosa Egipcácia: Uma Santa Africana no Brasil.

Keywords: epistemologies; interdisciplinarity; minor literature; samba and Brazilian philosophy.

RESUMEN:

Este artículo busca una filosofía brasileña interdisciplinaria. Samba resuena como un recurso analítico, llamando al pensamiento a vislumbrar otras concepciones menos especializadas. La primera parte advierte al lector sobre la peligrosa tendencia a posicionar lo interdisciplinario en una teoría de conjuntos. Pasamos luego a una crítica del cientificismo, destacando incluso su cara más racista, desestabilizando su voluntad de verdad. Frente a tanto conocimiento emerge todavía otro, a imagen de las sambas argumentales, la literatura, categorizada por Deleuze y Guattari, como literatura menor. Discutiremos la noción de música y cómo, algunos, todavía perseveran en el dualismo polarizador, antagonizando a los eruditos y los populares, y a MPB y el populacho, una indicación más de la forma de pensar adicta y vacilante resultante de siglos de una cierta educación intelectual. Finalmente, veremos las fuentes de investigación de los trabajadores del carnaval G.R.E.S. Unidos do Viradouro, en el sentido de analizar algunas categorías sociológicas, políticas, antropológicas, psicológicas, musicales, literarias, filosóficas, no de manera compartimentada, sino como un todo, como flujo, agencia, conexiones múltiples. Para ello, trabajaremos sobre los carnavales de 2020 y 2023, especialmente la tesis doctoral de Harue Sorrentino, Articulaciones pedagógicas en el Coro das Ganhadeiras de Itapuã: un estudio de caso etnográfico y el libro del antropólogo Luiz Mott, Rosa Egipcácia: Uma Santa Africana no Brasil.

Palabras Clave: epistemologías; interdisciplinaria; literatura menor; samba y filosofía brasileña.

INTRODUÇÃO

A teoria dos conjuntos, aos olhos do leitor ingênuo ou apressado, pareceria adequada ao estudo deste artigo. Como se a psicologia compusesse um conjunto A, com suas especificidades, a história outro, a música também, a filosofia idem, a política e a cidadania ibidem e assim, sucessivamente. Sendo psicologia A, história B, música C, filosofia D, política e cidadania E, haveria um ponto de intersecção de A em B, mas não de B em E, nem de C em A. Ora, mas a modalidade interseccional cria um problema. Se $A \cap B$, então o que sobra de A e B que se subtraem da operação sendo conjunto vazio de A em B pode receber a conotação de que a sua não interseccionalidade especializa de tal modo o conjunto que passam a ser oponentes, rivais, logo, dualistas, quiza reativos e ressentidos, como inversão polar dogmática. As coisas não são tão simples assim. O que acontece entre psicologia e história ou história e música ou entre matemática e psicologia ou entre política e arte, não é da ordem dos conjuntos, mas do campo de choque das forças, aleatório, caótico e disruptivo. A psicologia não cabe dentro do conjunto A, assim como a História não se enquadra no conjunto B. Elas são campos de força em disputa, choques graníticos destrutivos e violentos que fazem de uma a outra a partir dos pedregulhos que sobram das colisões catastróficas. Mais ou menos como se formou a lua, da colisão violentíssima de uma imensa rocha sobre a Terra arrancando de suas entranhas o seu satélite natural. A lua não é a Terra, a Terra não é a lua, mas ambas existem a partir da emergência de si mesmas, no campo de uma agonística, como distintas e conectadas. Fato que as lembra que em breve tudo isto que parece estável e eterno se destruirá para a constituição de uma realidade completamente distinta. Psicologia, história, música, antropologia, política, existem juntas e em conflito, separadas elas se perdem de si num solipsismo como subterfúgio para conter a violência do campo de forças, por medo ou covardia: o medo, ao menos, é sincero e honesto. Estes nomes que quiseram dar os Iluministas com os seus especialismos das ciências, ao isolar os saberes transformando as forças caóticas em jogos controláveis como dialética, iluminou determinada realidade do mundo, e escondeu outras tantas nas trevas. Há mais de acaso na vida que de previsibilidade, planejamento e controle.

Por isso, o peso de um saber sobre o outro vai gerar incômodo, pois estamos aprisionados neste processo de subjetivação especializante, determinante, estruturante, de que o conhecer quer dizer ser isto ou aquilo. Se este artigo puder ser, algo em especial, que seja de música, para fazer festa, reduzindo, artificialmente, a tensão das forças para o conforto e algum fôlego. A novidade deste artigo é tentar dizer, na academia, de um

modo distinto, sobre a música colocada como motor da história. O samba como objeto de análise filosófica, especialmente, pode até soar blasfematório para os limpos e higienizados corredores das universidades. Mas não é blasfêmia, é arte popular. O artigo é propositalmente engajado politicamente, no sentido de que processos de subjetivação ocorrem pela relação das pessoas com um determinado componente social, a escrita é um deles, criando e fabricando formas de subjetividade. Dedicar-se a escrita de um artigo sobre a história da música que os negros inventaram no Brasil é combater o racismo pela via da cultura como processos de subjetivação, em rota de colisão direta com o subjetivado, por séculos, pelos europeus.

O problema da angústia filosófica, como o que somos, a finitude da vida, a falta de sentido das coisas, o problema do mal, e os recursos utilizados para escapar dela, estão postos como ponto de partida de nossa narrativa. E aqui não vamos desqualificar os cientistas como seres auto enganados na sua falácia lógica. Sua busca por estabilidade é uma estratégia da própria vida para conter a dor advinda do desespero do abismo e do nada. Devotos de seu método, e conspurcados pela liturgia de Comte, ao menos nos novecentos e início dos vinte, cometeram graves erros na sua ânsia por objetividade e neutralidade. Erro aqui não se refere a um princípio algébrico operado de forma irregular, mas uma inadequação ética do saber na sua condução no real. É porque a crença na neutralidade inviabiliza o teste de realidade do que se está fazendo, crendo-se, portanto, fidedignamente, naquela execução metodológica. Disto caiu a psicologia no racismo científico. Por isto, o reconhecimento de uma coletividade de sofredores é mais eficaz na condução de um método para cuidar. Isto porque nenhum método científico ou saber do que seja lá o que for, pode se saber detentor de algo que é bom para o outro e impor-lhe goela abaixo. A pessoa, seja hoje ou no século XIX, é livre para delimitar o que é bom para ela mesma. A prática de cuidado que traveste-se de tutela, não cuida, mas disciplina o sujeito segundo uma normatividade e uma normalidade moral adequada do sujeito ao comportamento de rebanho, a esta violência também se dá o nome de ressocialização. Crimes contra a humanidade foram cometidos sob os alicerces robustos de um método científico, o seu ápice com a engenharia de guerra e limpeza étnica de Adolf Hitler. Logo, a ciência não serve? Acho que a crítica pós moderna à ciência recebeu uma grande lição com a pandemia de COVID-19 e a administração pública brasileira sob comando de Jair Messias Bolsonaro. A vacina é uma invenção da ciência, objetiva e eficaz, sem nenhuma relação com

crenças, mas análise probabilística e estatística. Deve existir um ponto de coesão entre A e B que não exijam uma negação abrupta do outro. A ciência não desenvolve-se sozinha, a começar, a ética, que é uma disciplina da filosofia, tem que fazer parte do cotidiano dos cientistas, não como normatividade e receituário de um adequado comportamento, mas debate profícuo e diário, sempre colocando a sua atuação científica, suas descobertas e os seus métodos, como problemas de ética. Desconhecimento profundo desta grande área da filosofia por parte dos cientistas pode ser muito perigoso e a história já nos ensinou como esta assertiva é verdadeira. Hoje o debate sobre bioética, inteligência artificial, redes sociais, uso de fármacos para suportar a vida de trabalho, tem recebido atenção, mas tem de ser subjetivados como exercício interno do próprio fazer científico.

Além disto, a rigidez mecânica, não como descrição da realidade, mas enquadramento do real no mecanismo humano, disciplinando-o e controlando-o para a transformação prática do mundo, é tão eficaz quanto gélido, cru, seco, duro; talvez, as ciências precisassem de poesia e arte para encher de beleza o seu discurso, se construindo, não mais, como um fora do homem e do mundo, como um além de todas as coisas, mas se aconchegando ao homem e ao mundo como atitude poética, se reconhecendo violenta e vacilante, mas capaz de um humanismo mais categórico. E, aliás, as ciências, sem o reconhecer, utilizam das linguagens artísticas, seus gráficos são recursos visuais capazes de mostrar rapidamente um conjunto de informações que escritas demandam muitas páginas; em química orgânica, principalmente, os desenhos de moléculas, átomos, regra do octeto, apesar, de usarem uma regra bem precisa, tem muito de um belo. Ademais, os problemas a que se dedicam os cientistas nunca deixaram de ser filosóficos, o próprio espanto com o banal, motor de toda a curiosidade científica.

O laboratório de Wundt em Leipzig marcou profundamente a emancipação da psicologia da filosofia. Os filósofos mergulhados nos problemas da alma, na sua semântica especulativa e não dogmática, na medida do possível, não tem pretensão a chegar a um denominador comum, uma explicação final. Isto é, se a alma está aprisionada no corpo e é ela, razão suficiente, para uma cognição do mundo, ou se a alma não tem um atributo próprio, mas uma motilidade teística, enfim, tais problemas avolumaram uma longuíssima tradição, que não criou algo definitivo sobre o assunto. Logo, alguns sujeitos, incomodados com a dúvida como ceticismo, embarcaram pelo otimismo positivista de uma investigação laboratorial da psique capaz de definir algo.

Assim, alguns problemas de pesquisa se engajaram como elementares a uma psicologia laboratorial: na interlocução entre fisiologia e psicologia, Féré realizou os testes de psicomotricidade, movido pela hipótese de que reações emocionais levam a reações motoras. Com isto ele observou que as pessoas reagem diferentemente aos estímulos, algumas gastando mais ou menos energia com um determinado estímulo. Esta disfunção do Sistema Nervoso Parassimpático serviu para desvelar o comportamento histérico, o ressentimento, as apatias. Enquanto a psiquiatria, que é da mesma época, buscava um diagnóstico, muito mais como uma atribuição moral do comportamento dos indesejados, que por uma dedução lógica do fenômeno (Morel como um bom exemplo), os psicomotricistas enfurnavam-se em laboratórios tentando controlar as variáveis, estabelecendo grupo controle, para as suas experiências com pessoas.

Apesar do olhar desconfiado, tanto da academia quanto da sociedade, sobre esta nova ciência, ela tinha elementos capazes de contribuir para o desenvolvimento de uma Administração Científica. Sua pretensão a uma afirmação do sujeito, aplicando-lhe alguns testes, seria muito útil a indústria. Tanto no recrutamento e seleção, quanto na atividade prática no chão da fábrica. Ora, então o sistema logo percebeu que existe uma ciência capaz de investigar e selecionar, exatamente, o tipo de empregado que a empresa precisa. De certo modo, isto é verdade, mas não completamente. Há uma regularidade do sujeito como ele mesmo, que, provavelmente, é capturável por um observador mais atento e treinado. Entretanto, há em qualquer pessoa um ser desconhecido dela mesma, que escapa a qualquer normalização. E, evidentemente, esta imprevisibilidade e impossibilidade de adestramento do comportamento por qualquer método que seja, repercutirá no dia a dia da fábrica. Demissões ocorrerão, sem dúvida alguma. Mas com o avanço da Administração, e eles acreditam em progresso, se constatou que a empresa gasta dinheiro com o funcionário para depois demiti-lo, por uma condição psicológica não identificada no começo. Talvez, fosse mais inteligente cuidar deste trabalhador, que se livrar dele, depois de todo o dinheiro dispendido. Daí surge a psicologia do trabalho, com uma grande demanda a resolver, ou seja, criar condições para aumentar a produção com saúde mental e física do trabalhador. Pois uma coisa é certa, o trabalho não é só uma fonte de adoecimento, mas também de produção de saúde: os homens trabalham. Os cantos de trabalho executados pelas pessoas escravizadas e/ou superexploradas no Brasil, foram e são recursos capazes de fazer suportar a lida de completa injustiça e

desgosto pela vida. Neste contexto de insurgência do capitalismo monopolista que os psicólogos conseguirão ser muito úteis, realizando o minucioso trabalho de matematizar os fenômenos psicológicos numa psicometria. Os testes cada vez mais precisos, pela ampliação dos dados numéricos e das pesquisas, ganhavam confiabilidade, tanto das empresas quanto de escolas, presídios, hospitais. O otimismo científico do século XIX consistia na hipótese comteana de que as Ciências Humanas, Sociais e Históricas, deveriam se comportar como as *Hard Science*. Observação, controle de variáveis, foco nos movimentos repetitivos do fenômeno e dedução de leis gerais generalizáveis a um n total, quase absoluto, guardada a margem de erro. Entretanto, há um problema, que na época de Comte não se formularia como dúvida metódica, não provindo do comportamento humano e social, mais óbvio como crítica comum, mas da fenomenologia da natureza mesmo. Em 1900, Max Planck não deslegitimaria as *Leis Universais da Gravitação Universal* de Newton, os físicos não tem o costume de jogar fora a água do banho do bebê junto com o bebê, mas abriria um campo novo na física: o mundo em que as leis de Newton se aplicam passou a ser chamado de mundo grande, e um outro mundo chamado pequeno ou subatômico ganhou notoriedade. Neste mundo subatômico, e a instabilidade eletrônica, de Linnus Pauling, assim como os estudos de termodinâmica demonstram isso, parece mais instável e de difícil observação dos processos de repetição do fenômeno. Importante comentar ainda, que a incalculável dimensão do universo e de seus astros(mundo grande), é constituído e entendido pelo comportamento molecular das mais diminutas coisas que existem, estruturas subatômicas, no fundo do núcleo de um átomo existem partes da explicação da totalidade do cosmos como relação, conexão e fundamento, do passado e do presente, no tempo espaço linear e distorcido. Ou seja, não há uma Física Moderna que se opõe a Física Clássica, existe uma Física Moderna que complexifica a Física Clássica endossando a genialidade de Newton. Ainda assim os físicos no seu *pathos* da inteligência e da dureza do cálculo, conseguem estabelecer leis gerais nesta Física Moderna. Outrossim, o *Princípio da Incerteza* de Heisenberg, nos convoca a abrir mão da certeza e reconhecer nossas limitações diante do objeto investigado. Existe algo de instável como próprio do ser. Ora, uma bateria de testes psicométricos devem deduzir muito do sujeito: mas é o teste que está definindo o sujeito, modelando-o, fazendo crer, ou o sujeito é aquilo mesmo, ou um pouco dos dois? E se o sujeito for isto que dizem

ser, é de uma vez por todas, tão exatamente, sendo que mesmo os físicos já reconhecem uma inexatidão da natureza? E se naquele dia a pessoa não estiver bem?

A psicologia com sua metodologia científica e seu arcabouço ascético e dualista, reativo, de uma vontade de verdade, mesmo quando se propõe a estudar o povo, angaria controle de variáveis e/ou uma descritividade e interpretações que arrogam certa fidedignidade como fatos, o real empiricamente dado, capturado e normatizado numa tese. A psicanálise como dispositivo subversivo de intervenção clínica orientado pela construção histórica do Inconsciente e seu Édipo conflitivo e constitutivo de uma subjetividade, é datada e localizada espacialmente. Suas apostas têm muitas serventias, que exigem uma certa adequação as realidades culturais distintas da europeia. E, ainda, os existencialistas e fenomenólogos, na sua tentativa de eliminar o dualismo, acabaram por manter o debate num entre, que como tensão e zonas de contato, permaneceu dual. Todos estes recursos como subjetivação, são inerentes ao contexto europeu ocidental, o africano e o afro-brasileiro, negros, subjetivados de outra maneira.

A intenção não é negar as ciências, a academia, as filosofias, a psicanálise. Ao contrário, apenas gostaríamos de inserir no turbilhão mais um elemento, a literatura. Não a estabelecida pelo cânone, como mais digna, adequada e autorizada pelos guardiões da língua. Mas a literatura popular, as de sambas de enredos, por isso uma literatura menor, como semânticas subjetivadoras capazes de nos contar e nos transformar para o vislumbre de um novo real. Literatura cantada e tocada, por mãos e bocas, de povos, historicamente, subjugados e escravizados. Gostamos deste arranjo porque o samba explica um pouco os processos de subjetivação dos negros que a psicanálise não consegue captar. Ao avançarmos ao passado numa genealogia do samba, percebemos que as famílias, covardemente separadas em África vão tentar reestruturar-se no Brasil, através da religião como filhos de santo, irmanados pelo culto aos Orixás, que, ainda, tem a atribuição de uma nação do antiquíssimo continente, como, por exemplo, candomblé Angola, candomblé Jeje, Candomblé Ketu. Logo, a violência da imposição do desamparo vai-se reorganizando em outros moldes, o nuclear familiar colocado no coletivo familiar pela religião. A religião funcionando como elemento aglutinador, socializador estruturador de um mundo que se esvaiu. A terra mãe, marcada por uma ancestralidade de culto com a memória de um passado legitimador e legislador de uma história. Ou seja, o candomblé, com sua atribuição de nação, devolve ao negro brasileiro, a história, reintroduzindo no seu ser o significado do mundo e de si, como um

ente inserido numa realidade como sentimento de pertencimento a uma cultura, a um povo, a uma nação. Sem história, os homens esvaziam-se de si, é a história o discurso capaz de nos engajar ao presente, como algo que vai além de nosso próprio tempo de vida. A perda da história é a perda de si como um não lugar no mundo e no tempo. Quando o candomblé introduz a nação como demarcação de uma determinada ritualidade enquanto culto, devolve a importância de ser pessoa no contexto da história da humanidade.

LITERATURA MENOR

A problemática colocada inicialmente, corresponde às dificuldades e limites das ciências como um todo. Que se complica ainda mais, quando o objeto de análise percorre caminhos múltiplos, como é o caso do samba. O samba não é uma coisa só, no sentido de que uma ciência desse conta de seu arcabouço. O samba é poesia, política, economia, cultura, resistência, existência, identidade, música, cartão-postal, artes plásticas, empreendedorismo, enfim, vida. Uma sociologia ou uma psicologia, mesmo social, ou uma história, não seriam suficientes para aquisição de um mínimo de entendimento do fenômeno. Por isso, a proposta de Deleuze e Guattari, de uma literatura menor, nos parece mais apropriada. Pois, o samba é político, escreve numa língua estrangeira na língua oficial, por restaurar nomes do vocabulário banto, ioruba, jejes. Além disso, faz-se estrangeiro no sentido de que evoca o toque dos tambores como conexão com os orixás e uma ancestralidade, numa sociedade hegemonicamente cristã e intolerante. Neste sentido, o apelo a uma interdisciplinaridade é necessidade no sentido de acessar um quinhão do real. Aqui porque é samba. Mas será que o real, seja ele qual for, e de que forma se desvele, exigiria uma ultra-especialização do pesquisador para acessá-lo, ou uma interdisciplinaridade como recurso a multiplicidade, inerente ao fenômeno?

Assim, os jesuítas não tolerariam a insurgência da religião dos Orixás. Daí o sincretismo como estratégia de resistência. E isto nos mostra outro movimento. Os santos católicos não rivalizam-se aos Orixás, ou seja, a sobrevivência da religião dos africanos e afro-brasileiros, exigiu uma assimilação cultural dos elementos romanos, mas não o fez como disfarce, apenas, o adotou como parte de seu panteão e de sua liturgia. Esta constatação nos é muito importante, porque pretendemos evidenciar uma forma de pensar que conseguisse se desvencilhar do mecanismo dualista e reativo.

Pronto a se preencher de um outro para ser o que é. E como defendemos a hipótese de que o samba é um prolongamento da musicalidade de terreiro, o pensamento não dualista expõe-se na forma de ser do samba.

Além disso, as estratégias de aquisição do conhecimento, no candomblé e na literatura preta, não são científicas, nem filosóficas, nem literárias no sentido europeu. Todos estes saberes estão juntos e não há necessidade de fragmentá-los em especialismos e dualismos, segundo o modelo de pensamento africano/afro-brasileiro. E a coisa é de tal modo leve, que a totalidade se desvela sem uma intensificação mais robusta de um saber, tal como a dizer que isto é biologia, ou história, ou religião, ou música, ou poesia, ou luta política. O conhecimento do mundo se dá na perseverança de uma apreensão da realidade pelo conhecimento da natureza, por exemplo, pelas plantas(ciclo do carbono) e o seu poder curativo, do ciclo das águas, das estações do ano, da terra (ciclo do nitrogênio). Ou, ainda, a educação transmitida pela tradição oral pelos anciãos da comunidade, no Brasil, de notória importância para a construção de uma versão da história de acordo com o olhar dos escravizados, feito nas suas cerimônias rituais, privadas e, também, nas festas públicas do candomblé, na música, tanto religiosa quanto profana. O caso da música é imensamente expressivo, pois a história transmitida acontece tanto na presença e execução dos instrumentos, como herança genuinamente africana, quanto na poesia e canto. Isto é, o conhecimento adquirido pelos negros obedecem a uma outra semiologia. Se a pretensão não é ser racista e etnocentrista, os saberes ancestrais destes povos tem a validade de ser e colocar-se no mundo com o mesmo valor de outros saberes tidos como hegemônicos. Não é que a medicina não sirva, estes saberes, se validados e respeitados como autênticas construções sociais e culturais, teriam a prerrogativa de dialogar e se beneficiar mutuamente.

Se Proust e Kafka, na interpretação de Deleuze e Guattari, seriam uma literatura menor, por seu caráter desterritorializante, o samba, similarmente, tem o mesmo efeito. Principalmente, porque a poesia sambística tem um ingrediente a mais, a música. A literatura, puramente, por mais revolucionária que seja, ainda é um produto eminentemente intelectual. E o seu usufruto como leitura, também, o que nos mantém aprisionados na divisão corpo mente. A música e, especialmente, o samba enredo, descortina essa dicotomia agindo no corpo a palavra cantada. Assim, a leitura do texto deixa a seriedade triste da biblioteca para ganhar as quadras das escolas de samba. O

som repercute o texto numa outra dimensão da vida. O cinema apropriou-se da música, do som, para espetacularizar as imagens. A música espetaculariza a poesia, a música espetaculariza a vida, e no samba esse axé do tambor como cadência poética, tem um tom de rebeldia e subversão, no sentido de que o povo toma conta da arte para fazer carnaval. A arte vestida com as tessituras mais sérias de uma metafísica do belo ganha as ruas numa transgressão autêntica do povo preto brasileiro. Deleuze analisa a música na literatura de Kafka. Todavia, todo som no texto do romance é de difícil audição, por mais sensível e delicada que possa ser a sua descrição pelo autor, assim como sua profícua contextualização na narrativa. “A música parece sempre tomada em um devir-criança, ou em um devir-animal indecomponível, bloco sonoro que se opõe a lembrança visual” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 12). A música faz seu movimento na composição imagética do texto, ou seja, o constrói em devires, junção e disjunções de uma musicalidade imanente ao jogo semântico. Ponto de desconexão, desajustes, impossibilidades. Os cães músicos. Mas a imagem ainda é mais importante que o som, pois as palavras constroem as imagens, não sons: o som intelectual ainda é baixo diante de seu objeto, a cena do livro, pois ainda não rompeu a noção de enfeite e potencializador da imagem, ainda que em devir, pois há algo de dual nesta mecânica.

É curioso como a intrusão do som se faz frequentemente em Kafka em conexão com o movimento de erguer ou reerguer a cabeça; [...]; os jovens cães músicos (tudo era música, sua maneira de levantar e pousar as patas, certos movimentos de sua cabeça... eles andavam de pé sobre as patas de trás, eles se reerguiam rapidamente...) (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 12).

A música não cabe num livro. Mesmo estas palavras que escrevo são esforços sempre insuficientes de requerer a canção como analisador filosófico social. Porque a música rompe com esse espaço de erudição que faz uso do pensamento para ir ao fundo das coisas. No artificialismo do texto não se canta nenhuma canção, portanto a operação sem os músicos é intelectual e abstrata. Por isto a necessidade de no momento em que os sambas aparecerem neste texto, que o leitor tenha o cuidado de ouvir a canção como um choque no corpo. O trabalho do músico é corporal, o do ouvinte também. Se dança, se chora, se alegra, se envolve, se regozija, se enche de asco e repulsa, tudo como um ser tomado, agarrado por essas frequências sonoras. Que seja uma questão de gosto, mas para uma mesma canção existem os seus amantes mais incondicionais e os seus detratores mais convictos. Em ambos os casos, há uma dimensão que escapa ao racional, que emana como pulsão, força do desejo, que escava do fundo dos ossos e dos músculos,

a sua energia para amar ou repudiar. A música desconstrói a trivialidade da vida, com ela a banalidade do real, ganha dimensões de suntuosidade e importância.

O que interessa a Kafka é uma pura matéria sonora intensa, sempre em conexão com sua própria abolição, som musical desterritorializado, grito que escapa à significação, à composição, ao canto, à palavra, sonoridade em ruptura para se desgarrar de uma corrente ainda demasiado significante (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 14).

Forjados que fomos na caldeira moral da metafísica, não é estranho que divisões rancorosas e ressentidas atravessem a música criando falsas dicotomias e levianos debates, como, por exemplo, entre eruditos e populares. Não há aqui duas músicas a se negarem mutuamente, existem dois sentidos, em seus contextos específicos, para engendrar a música. Esses sentidos são múltiplos, rizomáticos, assim como esquizo-paranoicos. Na música erudita existem linhas de fuga como rebeldia e na música popular há linhas de conservação. “Por toda a parte, a música organizada é atravessada por uma linha de abolição, como a linguagem sensata, por uma linha de fuga, para liberar uma matéria viva expressiva que fala por ela mesma e não mais necessidade de ser formada” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 43). *Metallica* tocando com a Orquestra Sinfônica de São Francisco serve como agenciamento de uma novidade comercial, porém como dispositivo aglutinador no debate musical. No Brasil é preciso salientar uma MPB como um grande saco em que enfiaram tudo, nesta interpretação ainda está bom, já que Caetano e Chico não estão numa oposição a Nelson Sargento, Ivone Lara e, porque não, Joelma do Calypso. Entretanto, falsas dicotomias surgem quando se atribui a uma determinada MPB o sentido pleno da brasilidade músico-poética do Brasil, por se atribuir um certo sofisticado técnico musical e poético a este compositor e não ao outro: samba, funk, pagode, tecnobrega, de um lado e, Oswaldo Montenegro e Maria Bethania, de outro. Besteira, a música brasileira é um caldo grosso multifacetado, o melhor lugar para estudar o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari. E o povo da música nem faz todas estas divisões inócuas, eles preferem a música.

Um verso me levou
Do rock à jovem guarda
Fui caminhando e cantando ao luar
Com a Tropicália no olhar
Atrás do trio eu quero ver
O baile começar, e a noite adormecer
O Sol nascerá, as cortinas irão se fechar
Folhas secas virão e o show vai continuar (MANGUEIRA, 2010)¹.

O samba é literatura menor, não porque seja pequeno, mas porque é escrito pelo povo, na sua língua menor. Um povo flagelado pela escravidão, povo preto tolhido da educação formal, gente que fala do seu jeito o português das ruas. O samba é uma menoridade linguística proibida e amordaçada pela repressão policial. Em terreiro de candomblé, os tambores baixam o santo para festa dos deuses em procissões de adoração. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 35). Este canto menor transforma tudo em político. Mesmo o samba mais ingênuo carrega consigo a ancestralidade dos povos africanos escravizados, das casas de bamba, da (re)existência cultural como direito ao menos de professar sua fé. “A segunda característica das literaturas menores é que tudo nelas é político” (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 36). O corpo negro sustendo seus tambores aumentando o tom e a velocidade do canto já são líricos agenciamentos da luta política pela arte.

Chegou nessa terra santa
Bahia viu a Nação Nagô
E através dos orixás
O rumo do seu povo encontrou(BEIJÁ-FLOR, 2001)².

O samba não é individual, é um agenciamento coletivo de enunciação. Tanto a poesia quanto a música são construídos coletivamente, junto a comunidade, em franca sintonia com o povo. Por mais que os interesses comerciais demandem alguns produtos, a comunidade tem o seu protagonismo. Aliás, a composição comunitária da arte carnavalesca faz parte da tradição, e é, por isso, recurso a ser explorado pelo próprio mercado. Assim, a dimensão de multiplicidade se exige presente para que o real não seja reduzido nisto ou naquilo como negação um do outro. Nas minúcias disso que se faz resistência.

Maria Mineira Naê
Agotime no clã de Daomé
E na luz dos seus Voduns
Existia um ritual de fé
Mas isolada do reino um dia
Escravizada por feitiçaria
Diz seu vodum que do seu culto
Um novo mundo renasceria(BEIJÁ-FLOR, 2001).³

Dito isso, fica cristalino o caráter subversivo do samba. A sua arte menor em meio a uma arte maior. Que apesar disto, encontra-se com o samba, o erudito e

intelectual embrenhando-se no fazer sambístico como importante criação genuinamente brasileira. O samba rompe com as falsas dicotomias e instala novos processos, inéditos agenciamentos, linhas de fuga e linhas de conservação. Pois esta arte tem o tom da rebeldia que acontece nas micro-esferas do sistema, pois o carnaval do Rio é um grande negócio, que serve a reprodutibilidade técnica da obra de arte e do capital e, mesmo assim, é um ambiente de subversão, luta e (re) existência.

ABERTURAS EPISTEMOLÓGICAS QUE OS SAMBAS DE ENREDO PERMITEM COMO PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO: O CASO DAS LAVADEIRAS DE ITAPUÁ E DE ROSA MARIA EGIPCÍACA DE VERA CRUZ

O carnaval da G.R.E.S. Unidos do Viradouro de 2020, *Viradouro de Alma Lavada*⁴ e o de 2023, *Rosa Maria Egipcíaca*⁵, nos servem de suporte para embasar nossa hipótese de que os sambas de enredo constituem-se literatura menor. Como multiplicidade os sambas não devem ser lidos isoladamente, ouvi-los é importante, assim como assistir aos desfiles. Mas não só isso, ainda, a proposta de enredo do carnavalesco, não se restringe a uma ideia vazia. Normalmente, há uma pesquisa por trás, que justifica o trabalho do artista. Aqui neste artigo buscamos avaliar as fontes utilizadas pelos carnavalescos. Em 2020, os carnavalescos Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon, entraram em contato com o disco das *Ganhadeiras de Itapuã*⁶ e a monumental tese de doutorado de Harue Sorrentino, *Articulações Pedagógicas no Coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Em 2023, Tarcísio Zanon buscou inspiração no livro do antropólogo, Luiz Mott, que conta a vida de Rosa Maria Egipcíaca de Vera Cruz: mulher, negra, sequestrada e escravizada ainda na infância, na costa do Benin, estuprada, prostituída, possuída, feiticeira, exorcizada, beata e santa aclamada pelo povo, primeira escritora da história do Brasil. A busca destas fontes, a partir do exposto no samba de enredo e o desfile, já acontecidos, cria o dispositivo para mostrar o samba como multiplicidade, rizoma e literatura menor, e como de um ponto, diversos outros problemas questões entram no debate, como o machismo, as mulheres, sua luta, os cantos de trabalho, as estratégias de sobrevivência e por aí vai.

Deste modo, a escola brasileira, posta como está, serve mais ao aprisionamento do homem que a sua libertação. Não é à toa que os negros e os povos originários construíram sua educação em outros moldes, fora e longe destas escolas. Só que a soberba do Estado e este modelo único de ensino aprendizagem, invalidaram quaisquer

outras maneiras de educação. Não é sabido como uma certeza, qual o melhor método para transmitir a cultura, por isso a imensa variedade deles. Impor um para impedir outros é, no mínimo, ditatorial. Uma visão democratizando pressupõe uma diversidade de formas de ensino aprendizagem, a maior parte deles acontecendo fora da escola. Até mesmo porque os alunos frequentam meio período de escola no Brasil. A proposta da Sorrentino consistiu em buscar outros jeitos de ensino aprendizagem de música fora do ambiente formal de ensino. Se a educação formal brasileira está muito aquém do, minimamente, desejado, o ensino de música então, neste país que até pouco tempo atrás proibia ouvir música dentro dos espaços escolares e universitários, disciplinas de música sequer mencionava-se, verifica-se como total perda de tempo. O gestor público, por negligência, desleixo ou tecnicismo mercadológico (mas música dá dinheiro!) não disponibiliza uma enormidade de recursos e energia libidinal para tais disciplinas, ainda mais em se tratando de música de preto, *funk* e *rap*. Com uma maior frequência das universidades por pessoas negras e indígenas a partir da execução das políticas afirmativas endossadas mais veementemente no primeiro governo Lula, vê-se hoje um esforço no sentido de afirmar uma negritude através da música negra nas escolas. Aliás, estratégia pedagógica eficiente: utilizar-se do conhecimento cultural dos educandos para edificar um ensino aprendizagem. Só um racista para não enxergar o óbvio.

Tratar, portanto, de uma análise dos processos de ensino e aprendizagem dentro de um contexto não escolar de música, quer dizer, a partir de um meio educativo de contexto informal, comunitário, fez parte de uma visão democratizante e ampla, ao se dar voz a um grupo que estava fora dos cânones do ensino acadêmico de música e que visava à manutenção de suas tradições, através da música (SORRENTINO, 2012, p.65).

A educação acontece o tempo todo. Qualquer diálogo, em qualquer lugar, sobre qualquer assunto, já corresponde a um sistema de ensino aprendizagem. O lugar não sendo condição necessária e intransigente para o aprender. Em Itapuã havia a *Casa de Música*, onde caberia o entendimento de lugar para ensinar e aprender. Porém, o território de Itapuã, em si mesmo, corresponde a uma área maior em que acontece a educação. As trabalhadoras de ganho do século XIX, ao lavar roupa à beira do Abaeté, fazer seus quitutes, caminhar até Salvador, calculando o momento oportuno para atravessar o rio, assim como o reconhecimento de perigos na mata, são todos conhecimentos que eram transmitidos, sem qualquer espaço definido para isto.

Um dos cenários, portanto, onde se passou essa história chama-se Casa da Música, local de saraus, ensaios, reuniões em que se promovem

discussões sobre educação, políticas públicas, ações afirmativas, sobretudo onde se ouve, faz-se, ensina-se e discute-se sobre música (SORRENTINO, 2012, p.207).

Enquanto a *Casa de Música* funcionava como um ambiente mais comportado, para o enriquecimento musical e cultural de seus frequentadores; a *Senzala do Samba* apresentava-se como um bar, supostamente, não entendido como um lugar para ensino aprendizagem. Porém, ali também, se falava e se ouvia música, contribuindo para a alegria do povo, para os seus vínculos de amizade pela comunhão fraterna da festa e da bebida. Intelectuais, músicos, turistas, moradores, habitavam os dois ambientes, não existindo uma cisão entre ambos como se na *Casa da Música* se falasse de coisa séria e na *Senzala do Samba* se fosse para festejar. A festa impregnava a *Casa de Música* e partilha intelectual e política dançavam na *Senzala*, o nome bastante sugestivo, importante salientar. O mundo não está segmentado em partes, o mundo é inteiro, num fluxo, num todo, numa inseparabilidade necessária. Por isso, insistimos no argumento que a educação ultrapassa, e muito, o espaço segregado da escola. Aliás, o artificialismo de distanciar a escola do resto como um laboratório de testes, todas as variáveis controladas, é uma ficção dos espíritos mais ingênuos.

[...], a *Senzala do Samba*. Curiosamente, mas não coincidentemente, ambos os espaços bem distintos: esta, uma casa de show de frente para o mar (pagode, samba, “quebradeira”, em outros lugares chamado de suingueira – “swingueira” –, onde funcionava um bar); e aquela, uma casa da música onde se reuniam músicos, educadores musicais, educadores, arte educadores e profissionais de todos os segmentos populares e acadêmicos (principalmente do âmbito público), turistas e pessoas das comunidades de Itapuã e da circunvizinhança, de frente para uma famosa lagoa cercada de areias brancas e uma vasta vegetação (SORRENTINO, 2012, p.208).

Logo, é evidente o trânsito de todo tipo de gente pelas areias de Itapuã. Desde os gênios da Bossa Nova à frequência do lugar por músicos, intelectuais, turistas. Porém, é com a *Casa da Música* e a *Senzala do Samba* que há uma politização do processo. Não é porque há uma musicalização bastante intensa, uma paisagem deslumbrante, uma religiosidade singular, um carnaval para alegrar todos os espíritos, que o idílico deve sobrepor-se ao político. Este canto tem um passado e um presente como marcas de ser o que é. A tonalidade turística do fenômeno é super bem-vinda, pois traz recursos econômicos. Contudo, não pode servir para mais uma vez desqualificar e deslegitimar a construção e formação destas pessoas.

A Casa da Música, de gerência da FUNCEB (Fundação Cultural do Estado da Bahia), une desde os artistas de Itapuã e da IMA

(Independência Musical Associada) até escritores e membros da Academia de Letras da Bahia, como o “imortal” Carlos Ribeiro (um de nossos entrevistados), com os fundos de suas dependências voltados, mais precisamente, para a Lagoa do Abaeté, no Parque Metropolitano do Abaeté (SORRENTINO, 2012, p.209).

Duas figuras importantíssimas apresentam-se a cena; Amadeu Alves abrindo as portas da *Casa de Música* e Tonho “Correria” da *Senzala do Samba*. Como muito do que acontece entre os negros, dado os sistemas de solidariedade criados por eles, é melhor, juntar-se, que se rivalizar. Como o chorinho que era tocado na sala de frente da casa das baianas na Saúde no Rio, com o samba de terreiro comendo solto ao fundo, em Itapuã, as duas instituições máximas para a manutenção, transmissão e (re)criação da cultura local, funcionaram juntas em forte amizade. Para lembrar a Itapuã de antigamente, de hoje, a eterna Itapuã “[...] do farol de Itapuã à Lagoa do Abaeté, da lagoa até o cais na outra ponta da antiga cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos, primeira capital do Brasil” (SORRENTINO, 2012, p. 215). O povo de Itapuã, portanto, engajado, acolheu o grupo cultural das *ganhadeiras*, integrando-se a ele, inserindo os jovens, trabalhando para o enaltecimento do grupo como pertença àquela história e territorialidade.

Se na Casa da Música as ganhadeiras entraram pela força das mãos de seu gestor Amadeu Alves, um dos mentores da criação do grupo e o primeiro diretor musical do coro das Ganhadeiras de Itapuã, na *Senzala do Samba* foi através da amizade e do parentesco que seu dono tinha com alguns integrantes do grupo, sobretudo da crença de que “a união faz a força” que o coro das ganhadeiras passou a frequentá-la, com a ajuda de seu administrador Tonho “Correria” (que, por estar sempre apressado e viver correndo para abraçar tudo que representasse a luta pela vida, pelo ganho, inclusive, em ajudar as pessoas, passou a ter essa alcunha) (SORRENTINO, 2012, p.209).

O espaços de socialização da cultura negra são primordiais para o seu desenvolvimento e propagação. “Um grupo cultural que a princípio foi pensado para discutir e falar sobre o passado de Itapuã e sobre o que igualmente estivesse ligado à Itapuã de antigamente[...],[...]” (SORRENTINO, 2012, p. 215). As escolas de sambas são espaços de socialização, os ensaios da Viradouro no centro de Niterói, como uma espécie de ensaio geral na sua cidade sede, instalam esses espaços, que não remetem-se, apenas, ao entretenimento e a diversão, mas também ao político, religioso e histórico. A *Senzala do Samba* funcionava como um bar, que, supondo-se um certo descomprometimento político do bebedor de cerveja neste espaço, o forçaria a uma reconhecimento significativa, pelo impacto do nome do lugar; a noite, outrossim, o bar



propriamente dito cedia lugar para os trabalhos de discussão da cultura local, das políticas públicas, para os ensaios das manifestações culturais do lugarejo, das *ganhadeiras* principalmente. Não há dúvida do beneficiamento de todas com estas redes de apoio. A preservação da história, da cultura, repercutiria em turismo e renda, autoestima e empoderamento, alegria e enriquecimento intelectual e artístico dos moradores.

Durante o dia, a Senzala do Samba era um empreendimento para o entretenimento e, à noite, a partir das dezenove horas, tornava-se um espaço educativo e artístico, um empreendedorismo com fins não lucrativos, em prol da comunidade artística e das tradições de sua terra, representado pelo coro das Ganhadeiras de Itapuã (SORRENTINO, 2012, p.209-210).

O teatro tradicional exige do ator e da atriz o estudo da personagem e sua interpretação, ou seja, alguém que não é a personagem esforça-se para sê-la no seu atuar. O mesmo não ocorre com as *ganhadeiras*, elas não estão interpretando algo que lhes é completamente estranho e distinto. A partir disto que são enquanto constituição subjetiva que atuam no teatro. Não há uma personagem desconhecida, há um ser atuando na esfera de sua região cultural, moral, histórica, itapuãzeira. Isto que é, pode na cena ser de outro modo, via interseção passado presente, interpretação das novíssimas formas de dominação política e econômica imiscuídas nesta obra de arte popular.

Para essas atrizes sociais e culturais, não significava simplesmente usar figurinos e representar uma história longínqua como acontece com muitos atores que encenam determinados papéis e que, só depois de os vivenciarem ou fazerem laboratórios, tornam-se próximos da história e do personagem. Pelo contrário, elas incorporavam-se como protagonistas de sua própria história em que cantavam, encantavam e encenavam algo que vivenciaram e que a maioria delas ainda vivencia. (SORRENTINO, 2012, p. 215).

Outrossim, os jovens, meio alheios inicialmente, depois inseridos mais contundentemente pelo músico Marcos, possíveis alvos do tráfico de drogas, tinham a mente focada na tradição coralista do grupo enunciando outra faceta, a do projeto social. Até mesmo porque deixar as crianças e adolescente de fora determinaria o rápido fim das *Ganhadeiras*. O grupo, portanto, inseria-se como atributo de elevada importância, pois conseguia articular o desejo destas mulheres, as populações mais jovens como mantenedoras da cultura no longo prazo, a militância antirracista, o turismo, a saúde mental e o bem-estar.

Este fato ilustrou a expressividade e criatividade de Dona Nicinha, demonstrando que a participação neste grupo estimulava seu lado

criativo, bem como de sua expressão individual dentro do trabalho do grupo, num compartilhamento de ideias que gerava, inclusive, um respeito pela criação, pela arte, pelas habilidades pessoais e pelas individualidades de cada um dos participantes (SORRENTINO, 2012, p. 228).

O espaço geográfico faz música, tanto por suas características físicas e bioclimáticas quanto por sua história e pessoas. De modo que a música num determinado lugar tem uma série de elementos que tocam seus músicos e ouvintes tendo impactos afetivos e emocionais distintos do grande público quando em apresentação extra território. “Seu Henrique entendia que o fazer musical, cantar e tocar samba traziam um conjunto de atribuições que de modo algum poderia ser compartimentado, uma vez que perderia o ritmo, a sensação da música, ou seja, perder-se-ia o sentido musical” (SORRENTINO, 2012, p. 230). A vivência criativa da composição musical, no caso das lavadeiras de Itapuã, apresenta profundas concepções, que vão desde o ganhar a vida de hoje às ganhadeiras do passado, escravizadas. Cantavam para aliviar, mas também para comunicar, dançar, carnavalizar. Sem medo ou culpa da alegria na roda de samba ou no carnaval. Isto porque como suporiam alguns sujeitos forjados na cultura moral judaico-cristã de formação a esquerda, marxista ortodoxa, pareceria que a felicidade, a alegria, a dança e o próprio carnaval não constituiriam ferramentas políticas, mas perfazer-se iam formas da alienação política. Nada mais branco e europeu, bem hegeliano na sua fantasia dialética simplificadora do real. A resistência política não tem que ser séria, partidária, sisuda, livresca e consciente, ela pode ser debochada e irônica, apartidária, bonachona, musical e inconsciente. Aliás, quando tais elementos, um tanto quanto incomuns em termos de ação política na literatura das ciências políticas, eclodem, nas manifestações dos negros, por exemplo, há bastante confusão por parte dos homens cultos e supostamente conscientes, articulados em partidos políticos e sindicatos. Por outro lado, a *Geral do Maracanã* costuma aderir bem aos bailes *funks* denominados Mandela, aos sambas de partido-alto, ao carnaval de escolas de samba e por aí vai. “Como destacou o etnomusicólogo John Blacking sobre as crianças Venda, na África do Sul, somente no contexto em que as músicas são criadas é que seu significado essencial pode ser encontrado” (SORRENTINO, 2012, p. 230). Logo, a importância e impacto da música exige certo conhecimento do lugar e das pessoas que a fazem. Isso para se absorver certas nuances por elas vislumbradas, mas nunca a totalidade de seus sentimentos. Destarte, os de fora também tem uma experiência artística e política do

canto de Itapuã, por exemplo, como tomada de atitude para uma mentalidade antirracista como processos de subjetivação.

Quando 2009 iniciou (21/01/2010), tive conhecimento que Dona Nicinha, além de compositora do grupo, participava do coro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã e que sempre, às terças-feiras e aos domingos, ela se reunia com algumas pessoas do coro para ensaiar as músicas que seriam cantadas nas missas (SORRENTINO, 2012, p. 236).

É ainda bem recente a noção de que festa é atividade educativa e de conscientização política, seja lá o que esse bordão queira dizer. Em termos de Ciências Políticas, o digno de estudo são os partidos políticos, suas articulações, golpes de Estado, gráficos de avanços e retrocessos de determinadas forças no Congresso Nacional; festas, músicas, instalações performáticas, intervenções urbanas de natureza arquitetônica ou da ordem das artes plásticas, ainda não fazem, hegemonicamente, parte do escopo de uma política propriamente dita. É digno de análise que a política partidária está bem distante mesmo, da realidade do povo, em diversos aspectos, inclusive o político cultural. Contudo, o que queremos endossar é como o divertido e lúdico tem atenção dos artistas e/ou antropólogos, mas é tida como menor por Cientistas Políticos e acadêmicos tidos como sérios, a exemplo dos historiadores. Amadeu Alves trazia a comunidade para o debate pelo chamarisco da música, do samba como resistência. Os debates, em geral, realizavam-se na *Casa da Música* e nas escolas públicas. Sem a intervenção destes mais variados grupos culturais quilombolas, negros, indígenas, pouco se teria guardado de seu passado de resistência e ação política. Pois os historiadores de ofício perseveraram bastante tempo em separar o cultural do político como estratégia de manutenção do *status quo* colonialista e branco.

[...], dentre eles o Bate-papo Musicado – Casa da Música (15/05/2009), com algumas ganhadeiras, com o grupo Meninos do Dendê, com alunos da rede pública de toda região, pessoas da comunidade artística de Itapuã e visitantes da Casa, tendo por tema “O samba como instrumento de resistência”, sob a coordenação de Amadeu Alves. A ideia do tema partiu do entendimento de que o samba como expressão de uma cultura representaria a própria resistência em manter-se vivo através de sua expressão musical (música), poesia (letras) e dança (SORRENTINO, 2012, p. 237).

No carnaval de 2023, a Viradouro veio contar a história de Rosa Maria, perseguida pela igreja, ao mesmo tempo santa e beata. O tribunal do Santo Ofício como recurso da Santa Inquisição para investigar, julgar e condenar os hereges e blasfemos, nasceu como reação a reforma luterana, calvinista e anglicana na Europa. Isto é, a

paranoia de que tudo que se faz dentro do catolicismo, se não é o comum, é, portanto, o diabólico, tem forte relação com o movimento de retomada dos fiéis e contenção de novos cultos, dentro da própria cristandade. Mas muito das devoções cristãs originaram-se espontaneamente, por invenção de padres ou do povo, nem sempre uma epístola serviu para normatizar o culto. Logo, a repulsa a devoção do coração de Jesus não conteve sua devoção de fato. É difícil controlar a vontade do povo, e cada povo acredita melhor naquilo que lhe atende mais adequadamente às suas necessidades.

Rosa encurtou a genealogia divina: deste coração incógnito brotavam os sagrados corações dos avós, pais e o próprio coração de Jesus. Coração privilegiado este, pois, além de fazer brotar e sustentar a família extensa de Jesus Cristo, ostentava os símbolos de sua paixão, os três cravos e a seta (MOTT, 1993, p. 331).

Do totemismo ao monoteísmo não há uma evolução como sugerem os teólogos e/ou rabinos, a necessidade de chuva molda as crenças, mesmo as monoteístas. “Enquanto o Padre Malagrida propagava no Brasil tão somente o culto ao coração de Jesus, Dom Manuel da Cruz revela-se apaixonado pelos três corações, sendo portanto ele quem primeiro divulgou tal devoção entre nós, a partir de 1752” (MOTT, 1993, p. 320). O papa na sua apartada existência do mundo nos seus palácios de São Pedro não conseguiria, mesmo se quisesse, conter a proliferação destes muitos cultos. E nem seria interessante para a Igreja, pois se toda excentricidade fosse contida, os santos jamais surgiriam para realizar os seus milagres. E quanto mais se tenta coagir e constranger o culto, mais ele toma o gosto popular. Não adianta lutar contra o povo. O elitismo intelectual, comportamental, a polidez, a etiqueta do clero, em contraste ao profanismo do povo, a sua anarquia e devoção sincera, exagerada, emocionalmente intensa e louca, exigirão um meio termo capaz de aceitar os modos não muito educados de devoção da gente miúda de feira.

Apesar da forte oposição de muitos teólogos e bispos e da resistência de diversos papas, a devoção ao Coração de Jesus se alastra pela cristandade: [...] Essa novidade devocional provocou repulsa dos cônegos capitulares, que sub-repticiamente retiram a imagem do altar, escondendo-a no quarto de despejos da catedral marianense (MOTT, 1993, p. 316).

Se atribuímos uma conotação espiritualista espiritista a imagem de Rosa, mais fincada a uma experiência de fé, ela não teve acesso a informações de história da religião, lidas ou contadas pelo Padre Francisco, mas imergiu no passado da humanidade pela consciência da totalidade cósmica proveniente de seus poderes e relações com o

além-mundo. O trabalho de Mott é desvendar a farsa, o de Zanon dar lirismo pela plástica enredista sambística a uma existência teimosamente afirmativa: a de Rosa viver a fantasia de sua fé como santa aclamada pelo povo na insistência de que o seu legado é eterno, tanto por suas obras na Terra quanto por sua Redenção de corpo e alma. “A adoção por parte de Rosa de nome tão pomposo e inusitado coloca-nos alguns problemas de história religiosa que nos transportam às areias da Palestina há mil e quinhentos anos passados, época em que viveu sua nova padroeira, Santa Maria, Egipcíaca” (MOTT, 1993, p. 163). Pela via da devoção a biografada seria a encarnação mais marcante de Maria Egipcíaca, da palestina, acolhida no mosteiro São João Batista depois da travessia do deserto e do peso da idade.

Foi, portanto, após quarenta e sete anos de solitária penitência da santa, no deserto palestino, que a Divina Providência mandou Zózimo, eremita do Mosteiro de São João Batista, para as margens do Jordão. Ao santo monge, Maria Egipcíaca pareceu uma visão diabólica: estava nua dos pés à cabeça, escondendo parte de seu enegrecido corpo queimado pelo sol, com sua branca cabeleira de anciã de 76 anos de idade (MOTT, 1993, p. 165).

Há coincidência entre os modos de ser de Egipcíaca e algumas versões históricas de santos católicos. Além de Maria Egipcíaca, outros documentos demonstram histórias de ex-meretrizes que passaram à castidade e ao ascetismo. O texto de Mott é muito bem construído apontando as semelhanças entre Rosa e os santos. Na descrição de Rosa pelo uso sistemático de fontes primárias, principalmente da Inquisição. A comparação feita pela hagiografia. Contudo, Mott não consegue demonstrar se o padre Francisco ou outros contaram estes pormenores da tradição católico apostólico romana a Rosa. Isto não quer dizer, outrossim, deterministicamente, que tenha sido isto mesmo, apesar das semelhanças. Isto porque os documentos não contribuem para a conexão. E mesmo que contribuíssem, toda narrativa é uma interpretação, não a verdade sobre o acontecido.

A partir do século IV, o símbolo de todas as "etairas" foi Santa Taís bela cortesã da Síria: convertida pelo anacoreta Pafúncio dentro de seu próprio bordel, ficou tão perturbada com a luz de Cristo que, em praça pública, queimou toda sua vil riqueza, passando o resto de sua vida em penitência, presa num cubículo (MOTT, 1993, p. 166).

A santa Maria Egipcíaca tem dia no calendário gregoriano e juliano. Não sendo, portanto, despercebida na multidão dos santos. Seu culto é oficial e regular, assim como sua história, os milagres, canonização e santificação. “[...]; para o escritor Cirilo de Escitópolis, Egipcíaca foi levada aos céus por dois anjos no reinado de Justino, em 520, sendo esta a versão aceita pelo Martirológio Romano, que a festeja no dia 2 de abril,

enquanto a igreja oriental transfere sua comemoração para 9 do mesmo mês” (MOTT, 1993, p. 167). Santa Pelágia da Síria teria realizado um feito imitado por Rosa, o de distribuir sua riqueza imunda e pecadora aos pobres. Depois disto colocar-se na linha reta que leva ao Senhor, pela devoção, castidade e a caridade. Outro fenômeno comum na hagiografia, informações estas mais raras no Brasil, porém acessíveis aos sacerdotes em períodos de formação e já no ofício.

Santa Pelágia da Síria, bailarina das mais famosas do Oriente (devia ser exímia na interpretação da dança do ventre), arrependida, recebe o batismo em Jerusalém, distribui todas as suas joias aos pobres, traveste-se de homem, muda o nome para Pelágio e passa o resto de sua vida numa gruta no Monte das Oliveiras, até que ao morrer descobrem que o piedoso ermitão era mulher (MOTT, 1993, p. 166).

O intuito da Igreja é construir imagens de santos, veicular seus valores, transmitir seus exemplos, para encorajar os leigos a uma atitude devocional mais incisiva, potente, criadora. Sempre lembrando que a Inquisição faz, no mais das vezes, avaliações confusas sobre o comportamento das pessoas com relação ao seu caminho para a santidade. Portanto, a história de Maria Egipcíaca já circulava a bastante tempo pela cristandade, graças ao trabalho biográfico teológico de São Sofrônio.

Desde o século VI já se venera o túmulo desta santa "etaira", situado a, aproximadamente, 20 dias de caminhada do Rio Jordão deserto adentro, e São Sofrônio, monge no Egito e Palestina, depois Patriarca de Jerusalém, foi quem no século VII primeiro escreveu-lhe a biografia, *Vita Mariae Aegyptiae*, circulando pela cristandade em versão latina e grega (MOTT, 1993, p. 167).

A tradição latina e grega teve acesso bem antes, o mundo lusitano obteve suas primeiras edições sobre Maria Egipcíaca somente nos séculos XVII e XVIII. De qualquer modo, não se deve atribuir a estas poucas fontes em Portugal e suas colônias a responsabilidade do mito. É bastante provável que padres portugueses, bem antes, tivessem lido as obras em grego e latim nas suas formações em território não português. E transmitiram os dados em suas homilias fazendo o discurso existir enquanto tal. Estas obras mais recentes só vem referendar o que a oralidade subjetivou como catequese e homilia.

No século XVII um companheiro de Santo Inácio de Loiola, o Padre Pedro de Ribadaneixa (1526-1611), escreve *História das Vidas de Santa Maria Egipcíaca, Santa Taís e Santa Teodora*, cuja primeira edição em Portugal, traduzida pelo oratoriano Diogo Vaz Carrilho, é de 1673, recebendo diversas edições ao longo do século XVIII. Foi este folhetim, cujas primeiras 12 páginas são dedicadas à penitente do Jordão, que mais divulgou sua devoção na Lusitânia, trazendo estampada, na capa uma bela xilogravura na qual abundante cabeleira

cobre, como urna túnica, o corpo desnudo da santa (MOTT, 1993, p. 168).

O argumento é que Rosa fora construída. Por quem e com que finalidades não se sabe. Se for isto é muito provável que o padre Xota-diabos tivesse alguma relação. São muitos os exemplos e similitudes, o que endossa a validade do argumento de cópia *ipsi litteris*. “Tudo nos leva a crer que tais analogias, ou a maior parte delas ao menos, foram moldadas *expostfacto*, numa tentativa inteligente de sacralizar pelo decalque a vida da espiritada na biografia das santas penitentes” (MOTT, 1993, p. 170). Contudo, mesmo um plágio dos mais grosseiros, ainda é melhor, que nenhuma atitude com relação ao exercício da santidade. Embusteira é um argumento insuficiente para a Inquisição manter presa até a morte, alguém por crime de falsa magia.

Confrontando a biografia da santa com a de Rosa, encontramos entre ambas tantas recorrências e similitudes que podemos afirmar sem medo de erro que a negra courana conhecia perfeitamente a história de sua padroeira, e tal qual já acontecera com Santa Teoctista de Paros, no século X, cujo anedotário se reduzia a um plágio literal da vida da penitente copta, também Rosa moldou *pari passu* sua autobiografia à de sua patrona (MOTT, 1993, p. 170).

Ter uma santa entre nós é sempre vantajoso e os franciscanos da Lapa trabalharão no sentido de criar este ícone. A mentalidade interesseira, comercial, leviana, obtusa, do clero, especialmente o brasileiro, é de uma cafajestice sem tamanho. Isto porque *pau que bate em Francisco não bate em Chico*, isto é, o demônio pode ser convertido em santo desde que traga boas moedas de ouro. O demônio e o santo não diferem um do outro numa antinomia, aliás, permanecem um no outro como semelhança, quase idênticos, cabendo ao analisador do caso dar o parecer sobre o mal ou o bem do sujeito canhestro. A mais fina-flor do Rio será elevada pelos franciscanos, estes que reivindicaram a pobreza de Jesus no debate medieval com os doutrinadores e apologistas, além do confronto com os beneditinos, dominicanos, agostinianos. Os que praticam o voto de pobreza estavam por demais sequiosos por ouro, riqueza e poder político-econômico. Enquanto alguns afirmavam que a riqueza espiritual de Jesus exigia ser afirmada na riqueza terrestre, os franciscanos defendiam a pobreza material de Jesus como exemplo para a riqueza espiritual. O caso é que uns e outros fazem do Ofício o aguilhão para grandes receitas monetárias, devidamente justificadas ou não.

A Divina Providência, tão justa e magnânima com as ordens religiosas, escolhia agora os franciscanos da América Portuguesa para revelar ao mundo a sua “Flor do Rio de Janeiro” — Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. [...]. Portanto, ter um santo ou santa em casa, seja vivo, seja no

além, era a garantia de multidões de devotos a pedir graças e milagres, enchendo com boas moedas de ouro e prata os cofres, que, abundantes, estavam espalhados pelo templo, desde sua entrada, passando por todos os altares laterais, até ao genuflexório, ao pé do altar-mor (MOTT, 1993, p. 240).

As palavras são armas com que se munem as pessoas para fazer de si um esplêndido. Garantir que as pessoas não saibam ler e escrever e, pior ainda, que até conheçam os símbolos da língua, mas não consigam acessar uma certa profundidade do texto, ou não sintam qualquer prazer na leitura e na escrita, é uma estratégia política. E a questão não é que a alfabetização faria do sujeito alienado, consciente. Esta consciência política que quiseram pregar na alfabetização nos parece superficial, para dizer o mínimo. Se há uma tomada de consciência, não é da sociedade, da política, mas de si mesmo. É quando o sujeito descobre a si que pode descobrir o mundo e transformá-lo por sua vontade. O coletivo quando detém a prerrogativa para anular o indivíduo enquanto sujeito neurótico da ação se desfaz em fascismo ou em nada. O coletivo se fortalece quando o indivíduo é forte e livre para atuar. Rosa fora alfabetizada. A escrita passou a ser o seu modo expressar isto que vem de dentro, que é de dentro, só dela. Numa relação de parceria do ser com a linguagem, ela conseguia converter a palavra num significado de si autenticando o seu é, como pulsão desejante. “A partir do momento em que se alfabetizou, encontrou enorme prazer, uma verdadeira compulsão em botar no papel suas visões, devaneios e profecias” (MOTT, 1993, p. 255). Nos desvarios em frente a nobre sociedade, além de trazer incômodo a sociedade racista e hipócrita, não permitia uma investigação de si como alcançam as letras. Não é o silêncio, mas a elaboração de um discurso como fala de si para o outro, sem o escândalo e o deboche desta gente branca enlameada na podridão. Tecendo o texto, o mundo se descortina na medida que desvela-se ela mesma para si. O delírio como poesia, o milagre como imaginação, a fé como súplicas de um sofrimento que consegue ser dito em palavras. O escritor precede o analista porque esburaca a si mesmo com as palavras mais duras sobre si no mundo. O escritor não é o seu texto, autor e obra não são coincidentes, mas ao disfarçar o que é no fazer textual, esmigalha a si mesmo, invertendo a sentença no sentido de não se expor falando de um fora. O mais distante de nós nos é mais familiar.

Foi a lisboeta Maria Teresa do Sacramento, a regente do recolhimento do Parto, quem ensinou a vidente a escrever, e, de fato, há muito semelhança entre caligrafia, também primitiva, da portuguesa e a de

sua pupila, carecendo igualmente a mestra pautar a lápis as folhas, em que escrevia a fim de manter a linha reta (MOTT, 1993, p. 250).

Os sambas de enredo serviram de ponto de partida para um mergulho mais profundo na história, na luta, na resistência, na música. O que demonstra, não apenas, o caráter inventivo do samba, mas sua capacidade de promover múltiplas conexões. Talvez, o samba configurasse, não qualquer coisa, mas uma filosofia capaz de desfazer as compartimentalizações fechadas dos especialismos sectários da história da epistemologia do mundo. Isto porque o movimento deve ser rápido, se piscar o samba já acabou e a escola já passou pela avenida. Logo, tudo que acontece ali, é de uma vez, sem separações: arte, pintura, engenharia, negócios, luta antirracista, poesia, música, história, religiosidade, festa, alegria, tensões, crises, vitórias, intelectuais, povo, bicheiros, trabalhadores, desempregados, burguesia, prefeitura, governo do Estado, Brasil, África, povos originários, etc, etc, etc. O samba não cabe nos especialismos. Mas será que esta não seria uma pista a nos indicar uma nova leitura do real e, portanto, uma nova aquisição de uma outra epistemologia?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é de hoje que se reivindica uma epistemologia brasileira. Nada mais justo e adequado. Porém, qualquer teoria do conhecimento, genuinamente, brasileira, não deve sucumbir às armadilhas do ressentimento. Como se uma *intelligentsia* brasileira, ou afro-brasileira, fechadas em si mesmas como reatividade a um algoz, dessem contam do real brasileiro. A novidade do samba como capacidade analítica é que ele suporta uma diversidade de composições, inclusive as do colonizador, para desferir o seu olhar sobre o mundo. Com isto, ele além de exigir uma interdisciplinaridade como procedimento analítico, rompe com as dicotomias e os valores rancorosos, do *nós contra eles*. Além de bonito, é bastante perspicaz!

Ora, negar toda a produção intelectual europeia e estadunidense, sob os mais variados argumentos, não se justifica. Todavia, a pretensão deles de uma verdade universal e uma desqualificação dos saberes do sul do mundo também não se coaduna a uma responsabilidade sobre a produção do conhecimento. Dialogar as disciplinas para cada vez mais desengessar os especialismos, e dialogar as compreensões de mundo dos países e dos seus povos, num debate horizontalizado e equânime, nos parece uma saída melhor. Disto já se sabe, porém não se subjetivou ainda, os modos de compreensão que

saiam da polarização ideológica rasteira, todos os lados entrincheirados lutando com suas verdades dogmáticas.

O samba, mesmo cooptado pelo mercado, ou pelo fenômeno midiático algorítmico, puro suco de afetos tristes, para lembrar Spinoza, consegue escapular por entre os sulcos do rancor beligerante de todas as bolhas, detentoras de um saber capaz de determinar o que o outro e o mundo são. No final das contas, um desfile de escolas de sambas, se a coisa cair na lama podre das polarizações vazias, que não se aventuram à descoberta do outro pela abertura de si como dúvida, é só carnaval e serve, basicamente, para dançar, tomar cerveja e beijar na boca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Dialogues**. Pré-textos: Paris, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. Editora 34: São Paulo, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34: São Paulo, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Kafka: Por uma literatura menor**. Imago: Rio de Janeiro, 1975.

FRANCO, Suélen Matozo; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. **Para os súditos de momo, tradição é lei: governo e verdade na organização do carnaval de Olinda**. Revista Organizações & Sociedade - v. 26, n. 91, p. 621-644, out./dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Antonio Henrique de Castilho. **As representações das "nações" brasileiras nos enredos das escolas de samba do rio de janeiro**. Anais eletrônicos do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação Criciúma, 2018, ISSN - 2446-547X.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Papirus: Campinas, 1990.

GUATTARI Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Vozes: Petrópolis, 1996.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo : Selo Negro, 2011.

MOURA, Roberto. **TIA CIATA e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



NIGRI, Bruno Silva; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. **O Samba no Contexto do Candomblé Festa, Mito e Sacralidade como Experiências de lazer.** Licere, Belo Horizonte, v.18, n.3, set/2015, p. 279.

PARES, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente: Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933).** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NOTAS:

1 MANGUEIRA. **Mangueira é música do Brasil.** Composição: Machado, Paulinho Bandolim, Renan Brandão, Rodrigo Carioca. Rio de Janeiro: 2010. Ouvir in: https://www.youtube.com/watch?v=Q_Pt99-kaUA

2BEIJA-FLOR. **A saga de Agotime, Maria mineira Naê.** Composição: Cleber, Déo Caruso, Osmar. Nilópolis: 2001. Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=CSxwUkF6BxM>

3 BEIJA-FLOR. **A saga de Agotime, Maria mineira Naê.** Composição: Cleber, Déo Caruso, Osmar. Nilópolis: 2001. Ouvir in: <https://www.youtube.com/watch?v=CSxwUkF6BxM>

4 Ouvir <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7IM8>; assistir <https://globoplay.globo.com/v/8335941/?s=0s>

5 Ouvir <https://www.youtube.com/watch?v=X7qyXybReaY>; assistir <https://globoplay.globo.com/v/11386072/?s=0s>

6 Ouvir https://www.youtube.com/watch?v=Rki9Leh_QNQ&t=2378s

Submetido em: 07/03/2024

Aceito em: 29/07/2024